

AS ORIGENS DA VILEGIATURA MARÍTIMA EM TRAMANDAÍ

LILIAN LIMA¹; ARISTEU LOPES²

¹Universidade Federal de Pelotas – lilianotl@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

É extremamente comum que as cidades sejam relacionadas a algumas particularidades que as representem, muitas vezes sendo até mesmo conhecidas por essas características. Desta forma, o município de Tramandaí, localizado no litoral norte gaúcho, não é diferente. Conhecida como a “capital das praias do Rio Grande do Sul”, é praticamente impossível falar em Tramandaí sem falar em praia, sendo a temporada de veraneio um dos momentos mais importantes para a cidade todos os anos.

Posto isto, temporada de veraneio é extremamente importante para muitos gaúchos, pois simboliza um elo temporal entre o fim de um ano e o início de outro (SCHOSSLER, 2010). Durante os meses de dezembro a março, milhares de pessoas rumam em direção ao litoral do estado, sendo Tramandaí um dos destinos mais procurados, principalmente dos moradores da capital e região metropolitana.

Diante desse contexto, muitos veranistas possuem uma relação afetiva com a cidade que atravessa gerações e que vai muito além da relação de turistas com um local, uma vez que inúmeras famílias se deslocam para a Tramandaí todos os anos na mesma época e ficam hospedadas no mesmo local – muitas até mesmo possuem uma segunda residência na cidade –, convivendo com a mesma vizinhança que se reencontra sempre nesse período, como se fosse sua comunidade secundária. Portanto, compreendendo a importância da temporada de veraneio para Tramandaí e para seus frequentadores, é importante também compreender como se deu o desenvolvimento da cultura de veraneio nessa localidade.

À vista disso, a relação das sociedades ocidentais com a praia nos moldes de hoje é tão internalizada no imaginário das pessoas que por muitas vezes é encarada como algo da própria natureza humana. Todavia, assim como todo e qualquer aspecto cultural, ela também é uma invenção. Assim sendo, a contribuição teórica de Alain Corbin para esse trabalho é fundamental, principalmente no que diz respeito ao que ele definiu como “invenção da praia” no último capítulo de seu livro “O território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental” (1989). Neste livro, o autor analisa o desenvolvimento da prática da vilegiatura terapêutica — temporada que se passa fora das grandes cidades, geralmente na praia ou em locais de águas termais. Além disso, nesta obra Corbin também examina a influência dessa prática para a atual relação ocidental com o território da praia.

Logo, este trabalho tem como objetivo, através de dados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, analisar as origens da prática da vilegiatura marítima em Tramandaí dos anos de 1906 a 1920. Por fim, essa pesquisa se insere no campo da História Cultural, tanto a respeito da temática quanto à natureza das fontes trabalhadas.

2. METODOLOGIA

Visando esclarecer o objetivo proposto, foi realizado uma análise das passagens sobre Tramandaí no diário escrito pelo antropólogo Edgard Roquette-Pinto durante sua excursão a região das lagoas e litoral gaúcho na primeira década do século XX e que foi publicado pela Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1962. A segunda fonte do trabalho é um conjunto de quatro fotografias tiradas em Tramandaí no início dos anos 1920 e que integra o acervo do Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister, localizado no mesmo município. Ademais, para fins de análise dessas fotografias, foi utilizada a metodologia histórico-semiótica proposta pela historiadora Ana Maria Mauad (MAUAD, 1996).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 1906 o antropólogo Edgard Roquette-Pinto foi enviado pelo Museu Nacional para uma excursão pelo litoral e região das lagoas do Rio Grande do Sul. Assim como era costume de cientistas e viajantes nesse período, Roquette-Pinto registrou em um diário diversos aspectos importantes dos locais por onde passava. Logo, no que diz respeito a Tramandaí, o antropólogo deu um grande destaque para a pesca e exportação do bagre para lugares como Porto Alegre e Rio de Janeiro. (ROQUETTE-PINTO, 1962, p. 13)

Outra questão importante registrada por Roquette-Pinto diz respeito a sua hospedagem. O antropólogo hospedou-se no Hotel da Saúde, primeiro empreendimento hoteleiro de Tramandaí. (ROQUETTE-PINTO, 1962, p. 20) Nesse momento de transição do século XIX para o XX, a pesca do bagre que até então era a maior responsável pela economia da região aliou-se a uma nova atividade, visto que diversos empresários da capital e região metropolitana enxergaram a necessidade de hotéis nessa região para atender um público específico e crescente.

No que se refere à prática da vilegiatura terapêutica, no século XVIII, ela difundiu-se pela Inglaterra, sendo os médicos ingleses pioneiros na prescrição de banhos de curas, inicialmente nas águas termais de Bath e, posteriormente, nas águas marítimas em Brighton. Nesse sentido, Corbin destaca que “O modelo de vilegiatura balnear das spas do interior pesou fortemente sobre a invenção da praia. Brighton, sob muitos aspectos, parece um avatar de Bath. Em ambos os casos impõem-se o primado do objetivo terapêutico.” (CORBIN, 1989, p. 270)

Desse modo, esses primeiros vilegiaturistas pertenciam a uma elite culta e viajada, o que foi essencial para que essa prática rompesse as fronteiras da Inglaterra e se espalhasse por toda a Europa. (BRIZ, 2007) Diante desse contexto, foram os imigrantes europeus os responsáveis por difundir a vilegiatura para o restante do mundo ocidental, inclusive para o Brasil. Frente a isso, no litoral do Rio Grande do Sul essa prática desenvolveu-se a partir do século XIX, quando médicos europeus que imigraram para o Brasil e médicos brasileiros que se formaram na Europa passaram a recomendar os banhos de cura em águas marítimas, assim como já ocorria no outro continente desde o século anterior. (SCHOSSLER, 2010, p. 14)

Devido a sua localização, a cidade de Tramandaí foi um dos primeiros destinos daqueles que buscavam os banhos de cura no litoral gaúcho. Num primeiro momento, os vilegiaturistas partiam principalmente de Porto Alegre,

realizando viagens de carroça que duravam cerca de oito dias. Como nessa região havia apenas uma pequena vila de pescadores que não estava preparada para receber turistas, estes precisavam levar consigo tudo o que fosse necessário para a temporada que passariam ali e, até mesmo, construir suas moradias temporárias. (SOARES, 2008, p. 35)

Assim, percebendo essa demanda, alguns empresários, como Jorge Sperb, resolveram investir no ramo hoteleiro em Tramandaí, sendo construído em 1888 o Hotel da Saúde e em 1898 o Hotel Sperb. Apesar de que os vilegiatistas buscassem uma rotina diferente daquela vivida no restante do ano em suas cidades originárias, eles também não queriam abrir mão de itens básicos para seu conforto e boa alimentação. Tendo isso em vista, cerca de cinco dias antes de sua ida ao litoral, Jorge Sperb despachava para Tramandaí carretas de bois carregadas de alimentos, bebidas e inúmeros outros itens indispensáveis para o bem-estar de seus hóspedes, ademais, elas eram enviadas com esses dias de antecedência com o intuito de que chegassem junto com a diligência que trazia os vilegiatistas, essa que também era de responsabilidade de Sperb. (SOARES; PURPER, 1985, p. 125) Dessa forma, a estadia dos praticantes da vilegiatura possuía uma relação de dependência com os hotéis desde a partida da capital até a volta para casa.

No que diz respeito aos banhos de cura estes eram tomados sempre pela manhã, antes mesmo do amanhecer, visto que os médicos acreditavam que a água gelada era essencial para o tratamento das enfermidades. (SOARES, 2002, p. 122)

Figura – Vilegiatistas em Tramandaí em 1920



Fonte: Museu Histórico Municipal Professora Abrilina Hoffmeister

Analisando as quatro fotografias, é possível identificar alguns padrões importantes sobre os banhos de cura nesse período, principalmente no que diz respeito as vestimentas consideradas adequadas para essa prática. O tecido das roupas geralmente era escuro e pesado, cobrindo grande parte do corpo, provavelmente como uma maneira de proteção tanto da água gelada quanto dos raios solares. Outro aspecto relevante é relativo à diferença das vestes entre homens e mulheres. Estas, aparecem com um acessório nas cabeças que possivelmente teria como objetivo proteger os cabelos. Por fim, na terceira e na quarta fotografia outro aspecto interessante se destaca: os homens com peitos descobertos. Enquanto para as mulheres, entendidas como seres mais frágeis e sensíveis, os banhos eram realizados utilizando roupas que cobrissem a maior

parte possível do corpo e sempre nas águas mais rasas e tendo a menor duração possível, para os homens, essa era uma atividade quase que heroica, então eles nadavam por um maior tempo em águas mais geladas e profundas, até mesmo em um estado de seminudez, indo além de uma terapia, mas servindo também como demonstração de masculinidade e virilidade. (CORBIN, 1989, p. 87-88)

4. CONCLUSÕES

Muito antes do “ir à praia” e de todos os estereótipos que essa ação carrega se consolidarem no imaginário das sociedades ocidentais, essa prática necessitou de um processo de invenção que está diretamente relacionado ao surgimento da vilegiatura marítima terapêutica. Isto posto, tendo como objeto de estudo uma cidade tão relacionada à praia quanto Tramandaí, uma análise desse processo permite o entendimento do desenvolvimento dessa cultura nessa localidade.

Por fim, embora a importância da cultura de veraneio para a cidade de Tramandaí seja inegável, infelizmente essa temática carece muito de um debate historiográfico, uma vez que a lista de pesquisadores que se debruçaram sobre o tema ainda é incipiente. Diante disso, essa pesquisa – que está sendo desenvolvida no curso de Mestrado em História no PPGH/UFPEL – traz contribuições para o campo da História Cultural, tanto em relação ao seu tema quanto às fontes utilizadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORBIN, Alain. **Território do Vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história: interfaces. **Revista Tempo**, Niterói, UFF, Relume-Dumará, v. 1, p. 73-98, 1996.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Relatório da excursão ao litoral e à região das lagoas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRS, 1962.

SCHOSSLER, Joana Carolina. **“As nossas praias”**: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900 – 1950). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOARES, Leda Saraiva. **Imbé: histórico/turístico**. Porto Alegre: Editora da Autora, 2002.

_____; PURPER, Sonia. **Tramandaí: terra e gente**. Tramandaí: AGE, 1985.

_____. **Tramandaí – Imbé**: 100 anos de história. Porto Alegre: EST edições, 2008.